



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



# **26**

## *Discurso na cerimônia de inauguração da nova linha de produção da Aracruz Celulose*

**ARACRUZ, ES, 2 DE AGOSTO DE 2002**

*Senhor Governador do Espírito Santo; Senhores Ministros que me acompanham, ambos capixabas, sendo que um eu não sabia que era capixaba; passava por mineiro, mas é capixaba, o Ministro do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho; Senhores Diretores, pioneiros, impulsionadores desta Aracruz. Eu estive com o Doutor Lorentzen. Mas, ao citá-lo, me permita, Doutor Lorentzen, cito os seus companheiros todos, os seus sócios, aqueles que trabalham aqui, Carlos Aguiar, enfim, toda esta enorme quantidade de pessoas que se devotou à construção desta fábrica; Senadores Parlamentares presentes; Senhoras e Senhores,*

Sempre digo, no começo de um discurso – e está escrito para mim aqui –, que me sinto satisfeito em visitar, mais uma vez, o Espírito Santo. É verdade. Mas, talvez porque eu já esteja há tantos anos na Presidência da República, me sinto, às vezes, um pouco incomodado em dizer que estou satisfeito. Depois as pessoas vêm e reclamam.

Para que não começem a reclamar, queria dar uma notícia para todos que trabalham aqui e para todos os capixabas. Hoje, está sendo publicada a licitação da pista do aeroporto de Vitória. E daqui a dois

meses, a mesma coisa, no que diz respeito à estação do aeroporto. Digo isso porque, quando se viaja para um estado como este, quando se vê – como eu vi de helicóptero, é verdade, mas depois um pouquinho de carro – a grandiosidade desta fábrica, não é possível que o Espírito Santo, que é voltado para a exportação, não tenha um aeroporto que seja, também ele, dinamizador da economia do estado, do turismo e facilitador dos contatos entre as pessoas.

Então, achei que devia dar essa notícia em primeira mão, para corresponder à grande notícia de que estamos recebendo esta fábrica, a terceira fábrica, no valor de 1 bilhão de dólares. Todo o mundo sabe que não há nada que deixe mais contente – não o Presidente, não, mas qualquer brasileiro – do que saber que o País está exportando bilhões de dólares. Para corresponder a esse esforço imenso, eu queria lhes trazer essa informação.

Quero lhes dizer também que, depois do que ouvimos aqui, do que vimos aqui, acompanho há muitos anos, não só por causa do Doutor Lorentzen, mas por causa do Eliezer Batista, que é um companheiro nosso, que é um impulsionador de idéias novas, acompanho há muito tempo o que está sendo feito aqui, em Aracruz. Mas uma coisa é acompanhar de longe, recebendo, lá em Brasília, a informação, que, às vezes, é um relatório, outra coisa é ver de perto.

Quando chegamos aqui, quando estávamos andando aqui, já dentro da fábrica, e o Doutor Carlos estava explicando esses milhões de metros cúbicos e não sei o quê mais, uma numeração enorme e entusiasmante, eu disse: "Olha, o que mais me impressiona é a imaginação, a engenhosidade, a capacidade humana de inventar máquinas e fábricas desse porte." Antes de elas existirem tem que estar tudo planejado e, depois, a persistência para que o plano vire realidade.

Aqui, Doutor Lorentzen, o senhor disse muito bem. Isso se deve aos técnicos, aos engenheiros, aos trabalhadores, aos pioneiros, aos empresários e aos administradores que transformaram em realidade aquilo que foi um sonho. Isso é que é fundamental para um país como o Brasil.

Muitas vezes se fala, pelo mundo afora e até com um certo tom conservador, que existe uma maioria silenciosa. Jamais gostei muito

desta expressão “maioria silenciosa” por causa do tom conservador. Acho que, no Brasil, temos uma maioria que não é silenciosa; é operosa, trabalha sem cessar, e o barulho que faz não é o da palavra, muitas vezes fácil e vazia, que não diz nada e que engana, mas é o da construção paulatina de um grande país. É isso a que estamos assistindo aqui, no Espírito Santo. E isso a que estamos assistindo aqui, no Espírito Santo, pode-se ver em muitas partes do Brasil. E pode-se ver até mesmo na ação dos brasileiros fora do Brasil.

Hoje, lendo um jornal, vi umas declarações do Doutor Francisco Gros, que é nosso Presidente da Petrobrás, que, aliás, vem conduzindo admiravelmente a empresa. Quais eram as declarações dele? De confiança, porque tinha estado na Europa com empresários – creio que na Holanda, na Inglaterra e não sei onde mais – e deles só ouviu expressões de confiança no crescimento. E nós, próprios, a Petrobrás, estamos agindo assim dentro do Brasil e fora do Brasil, acreditando no Mercosul, ajudando a Argentina, num momento transitório de dificuldades por que passa aquele país, e avançando.

Já nem sei mais quantas indústrias visitei para inaugurar fábricas novas, linhas novas. Na indústria automobilística, uma revolução, uma verdadeira revolução. Eu dizia, há alguns anos, e ainda não era realidade total, quando assumi o Governo – e não porque eu fiz, não, fez o País, fez a sociedade –, que havia fábricas de automóveis somente em São Paulo e em Minas. Hoje, há muito mais fábricas em São Paulo, há mais em Minas e já há em Goiás, há no Paraná, há no Rio Grande do Sul, há na Bahia, há em toda a parte. E, às vezes, fico perguntando, quando vejo alguns pessimistas, derrotistas – sempre ataco os pessimistas –, gente que não acredita, não faz, dizendo: “Ah, vamos perder mais uma década?” Mas perder o quê, se nós estamos construindo um país capaz de competir, de avançar, de dar educação? Não tem tudo isso ainda, não. Falta muito. E vai continuar faltando décadas afora. Mas não vai faltar nunca a esperança, a coragem dos brasileiros e o rumo do País para avançar sempre. Nós vamos continuar avançando.

Isso aqui é uma verdadeira catedral de confiança no Brasil. E, quando um homem, como o Doutor Lorentzen, vem aqui e diz que, há 50

anos, trabalha aqui – e dizem que ele nasceu lá longe; eu não sei a pronúncia, que já é nossa –, que tem filhos aqui, netos aqui e, por isso, se sente brasileiro e faz um voto de confiança no Brasil, é desse tipo de gente que nós precisamos, não importando onde tenha nascido. Também não importa se o capital veio de lá ou é de cá, desde que se produza aqui, dê empregos aqui, faça o Brasil crescer. É isso que estamos fazendo e com gente que acredita no País, não é com choramingões, não é com gente que só sabe criticar. E, na hora de propor – ah, meu Deus! –, eu fico vendo, não falo nada. Enquanto for Presidente, eu estou muito tolhido, não posso falar tudo o que eu penso, mas depois vou dizer. Dizem tanta coisa vazia, tanta crítica que não tem base na realidade, tanto sonho diferente dos sonhos que construiu a Aracruz, porque os sonhos que construiu a Aracruz se basearam num programa, num projeto, em competência técnica, em capacidade financeira, em perseverança. Aí, sim, se avança. Mas, quando o sonho é vazio, vira pesadelo para os outros, porque é promessa que não vai ser cumprida e que vai dar dor de cabeça em terceiros.

Essa é a diferença. Nós precisamos, no Brasil, de gente como os que estão fazendo esta fábrica, como os operários que trabalham aqui e como os técnicos que trabalham aqui, nesta e em muitas outras fábricas. Nós precisamos de gente que possa juntar a crença à capacidade de realização, que tenha disciplina de trabalho, que avance dentro de um programa.

Hoje, ao sobrevoar o Espírito Santo, ao ver as plantações de eucaliptos, ao saber – eu já sabia – que uma árvore que aqui cresce em sete anos em outras partes leva 70 anos para crescer, a gente fica pensando: “Que maravilha!” Mas essa maravilha tem por trás pesquisas. Recentemente encontrei-me, em Brasília, com um grupo de um projeto chamado Genolyptus, sobre a questão do genoma do eucalipto, para poder desenvolver técnicas apropriadas. Não se trata de alguma coisa que aconteça por conta própria, tem que haver essa ciência genômica. Para isso, tem que haver universidade, tem que haver fundos de apoio à pesquisa, tem que haver professor que fica ensinando, tem que haver aluno que se dedique, tem que haver pesquisador que pesquise e tenha, também, o

descortino de, muitas vezes, quando há dúvidas, avançar, propor idéias novas. Nada mais difícil na vida humana do que inovar. Quem inova, no começo, apanha, porque ninguém gosta de mudar, ao contrário do que possa parecer. Todo o mundo tem medo, e é natural que tenha medo. E, até que dê certo, tem que ter firmeza para apostar. Isso, tanto faz para o empresário como para o pesquisador, para o cientista como para o político, é a mesma coisa. Tem que acreditar, tem que ser capaz de desenvolver um programa e tem que ter firmeza e deixar que os outros não acreditem, se não quiserem. Melhor que acreditem, mas, se não acreditarem, não acreditem, não importa, vamos em frente.

Aqui, nós estamos indo em frente. O índice médio de produtividade desta fábrica é espetacular. Mas, se acontecesse uma retração no mercado – não vai acontecer isso –, ela seria a última a sofrer, porque ela tem produtividade. E, se nós, hoje, no Brasil, dispomos de uma maior capacitação, de maior capacidade de enfrentar todas essas agruras do mundo – que são muitas –, é porque nós aumentamos a nossa produtividade. Ninguém enfrenta os desafios do mundo – e o Governador, ao me citar várias vezes, foi generoso e, ao descrever essas agruras do mundo, foi adequado –, ninguém as enfrenta, se não tiver capacidade. Não adianta reclamar, não adianta chorar, é preciso saber propor, saber avançar.

Acho que o Brasil já deu demonstrações fortes de que é capaz de enfrentar muitas dificuldades. E digo isso porque olho para o Brasil real. Não gosto muito, para ser franco, de uma distinção entre – os argentinos falam muito – a Pátria financeira e a Pátria da produção. Não há produção sem finanças. As finanças têm que existir, também. Mas eu olho muito para o modo como se vão utilizar essas finanças. Quando há um investimento produtivo, isso assegura a reprodução. E, ao assegurar a reprodução, assegura-se a capacidade de honrar o contrato financeiro.

Aqui, na Aracruz, lá atrás, no começo, o BNDES participou fortemente. É o papel do BNDES, é o papel do Governo. É uma ilusão pensar que se constrói um país ou uma empresa grande, sem que haja um governo também capaz de entender os problemas. Mas o BNDES teve a

sabedoria, e tem tido sempre, de, progressivamente, na medida do necessário, ir vendendo suas participações. Para quê? Para poder, com esses recursos, gerar novas empresas. Não se faz nada sem esse espírito moderno de parceria. Aqui houve uma parceria bem-sucedida entre o Governo, através do BNDES, e a empresa, entre o governo do estado e a empresa, entre o governo da cidade e a empresa.

O Prefeito Veloso Lucas está lá em Vitória. Certamente Vitória tem que ajudar também, e terá ajudado ao criar condições para que, efetivamente, pudéssemos ter – e temos hoje – uma fábrica com este porte e com esta capacidade. Por isso mesmo, acho que, ao vermos aqui esta fábrica, sentimos a força do nosso Brasil, a capacidade que temos de continuar crescendo. Nunca se consegue – nunca, não sei – mas, às vezes, não se consegue crescer tanto quanto se deseja, mas o importante é que esse crescimento seja sustentável, num duplo sentido.

Um foi mencionado por Doutor Lorentzen, a respeito do ser humano, do meio ambiente, portanto educando-se, criando-se condições de trabalho, criando-se condições de reprodução da natureza. Isso é fundamental. Essa condição é fundamental. Mas não é suficiente que se tenha essa questão, uma visão apenas interna. É necessário também que se tenha uma visão da ação da empresa no conjunto da sociedade. É isso o que está fazendo, progressivamente, uma mudança na mentalidade dos nossos empresários: um compromisso. Não se faz nada sem compromisso. Não há parceria que se mantenha, se não houver confiança. E não há confiança que sirva para algo, se não for para estar comprometida com um certo objetivo.

Há, portanto, razões de sobra, mesmo afônico, mesmo com recomendações para que ficasse em casa – a que nunca obedeço – para ter vindo aqui. E vou lhes dizer que voltarei para Brasília em poucos instantes, mas volto contente, volto renovado, ao ver essa imensa força de renovação que existe no Brasil. E essa força – insisto – vem da capacidade que nós tivemos, neste país, de aceitar os desafios do mundo e de avançar, nós próprios, no nosso conhecimento sobre as coisas.

Aqui foram citadas informações sobre o ISO 9000, o ISO 14000. Nenhum país comparável ao Brasil, nem de longe, chegou perto do

Brasil nessa matéria. Esse o compromisso, portanto, com uma visão moderna do que seja a indústria.

Temos razões de sobra para prosseguir nessa convicção de que vamos avançar. E temos razão de sobra para esperar que, ao invés de simplesmente girarmos em torno das mesmas notícias, em geral um pouco deformadas e negativas, olhemos um pouco para o lado que é positivo. Vejamos um pouco que este país, hoje, na parte de agrobusiness, é altamente competitivo. Nós somos o primeiro ou o segundo em quase tudo: café, milho, soja, açúcar e por aí vai – primeiro ou segundo no mundo – e, ao mesmo tempo, na produtividade. Todos os anos, desde que sou Presidente, vejo as estatísticas de safra. E vejo a reação a elas. A primeira faz uma certa suposição. Aí vêm os pessimistas e dizem: “Não vai dar, vai chover, não vai chover, não tem dinheiro, o Banco do Brasil não está emprestando, não vai dar.” Vai se aproximando a colheita e sempre, depois dela, se vê que a expectativa foi aquém da safra.

Nós colhíamos, no começo dos anos 90, mais ou menos 56 milhões de toneladas de grãos. O Ministro da Agricultura, que tem mais entusiasmo do que eu nessa matéria, e tem que ter, já falou, ontem, em 104 milhões de toneladas de grãos.

E na indústria também. De repente vejo uma manchete: “O Brasil foi ultrapassado por tal ou qual país.” Ultrapassado no quê? Na denominação da moeda. Quando há uma variação no câmbio, contado em dólar, parece que diminui a produção, mas, contado em output, contado em produção, não foi ultrapassado coisa nenhuma, continuamos ultrapassando os outros.

Então, essa é a nossa realidade. Não quero cansá-los, mas quero deixar aqui meu testemunho de gratidão aos brasileiros e às brasileiras, meu testemunho do imenso significado da existência de uma fábrica como esta, a minha confiança naqueles que a dirigem, naqueles que nela trabalham e a minha certeza de que, se nós não tivermos um projeto, objetivos, confiança recíproca e persistência, ninguém vai seguir este país. E, essa maioria operosa vai mostrar que ela existe e que não há por que cerrarmos os olhos para ver só o que é ruim. A Aracruz é boa, veio para ficar e vai aumentar. E o Brasil vai continuar, sim!